

1

ALREM 03a.0010 -50 (02)

REY CH 0398 710782
DIST. 59179

9 de fevereiro de 1950

MEIO DE SEMANA

Às vezes a gente se lembra de certas anedotas literárias que o tempo afastou para longe, e recordando-as de certo modo recuperamos os instantes que se dissiparam para sempre. Então é o caso de se dizer: parece que foi ontem, parece que ainda estou a ver fulano quando discutia com você sobre aquele assunto, naquela última mesinha do café que já foi demolido.

Ele era um escritor que estava principiando como todos os do grupo. Escrevia as suas coisas, como todos nós, ainda com aquela tocante ingenuidade de quem não sabe o que custa viver e ignora sinceramente o valor do dinheiro. Havia também o hábito de uns mostrarem para os outros o produto de suas elucubrações solitárias em laudas de papel almaço. A máquina de escrever ainda era para nós um objeto pertencente aos mitos do futuro, como qualquer subproduto da imaginação de Wells. E um dia ele aparece com um conto rico de adjetivos, um conto miserável como era comum, e ainda hoje às vezes acontece, sair do penoso trabalho de quem escreve. Todos foram unânimes em afirmar que ele não deveria publicar o conto, que o conto era mesmo ruim e, nesse sentido, constituía talvez um recorde. Turma sincera e honesta! Mas o amor que ele dedicava a tudo quanto saía de sua pena, era bem maior de que poderíamos imaginar.

Ficou triste, desiludido talvez com o gosto dos companheiros, porque nunca ficaria com o seu próprio. Permaneceu na conversa do grupo o resto da noite, mudamos de assunto, não se falou no conto infeliz. Mas nunca que o nosso amigo de todo instante consentiria em se desfazer do produto fracassado. Sua imaginação era por demais poderosa para não encontrar uma saída no caso.

E algum tempo depois ele nos aparece, aí já não com os originais inéditos em busca de opiniões que o aprovassem, mas com algumas

2

T0782

REY
CC10398
SIST. 59179

longas páginas numa revista local. Era a história de um escritor fracassado que escrevera um conto muito mau.

E lá vinha o conto na íntegra para reforçar as afirmações da narrativa. O mesmo conto excessivamente mal feito que havia merecido total reprovação do grupo. Só assim aquele nosso amigo não se desfazia do seu trabalho, tanto era o amor que ele dedicava a tudo que fazia!

Visto nessa distância que já poderemos chamar de histórica, o fato nos oferece a sua lição. Quanto sacrifício, nos primeiros tempos, para rejeitar as pobres coisas que conseguimos alinhar sob a influência das mais desencontradas leituras! Há uma projeção do próprio autor sobre o objeto de sua criação, e o amor que ele se dedica palpita também nesse prolongamento da personalidade. Só depois, com as lições da vida, é que ele começa a ver mais claro em si mesmo, mas nunca, sem dúvida, a ponto de poder se controlar totalmente e oferecer, de seu próprio poder a justa e irretorquível medida. Os mais felizes conseguem um autocontrole suficiente. Mas a maioria permanece, nesse terreno, na idade mitológica.